

Jornal da Tarde

2/2/1985

BÓIAS-FRIAS

Esta reportagem é uma discussão. Entre nela.

Os bóias-frias não eram nada. Aos poucos foram descobrindo o segredo da organização, que poderá mudar-lhes as condições de vida. Como se colocam diante disso usineiros, fornecedores, técnicos e órgãos do governo? A discussão, nesta e nas duas páginas seguintes.

Eles não eram nada. Miseráveis, vagavam pelos campos à procura de trabalho ou inchavam as favelas das cidades. Eram reunidos, como gado, por um intermediário sem escrúpulos — a quem chamam de gato, ou, bondosamente, de empreiteiros de mão-de-obra —, que os alugava às fazendas e usinas na época das safras. Bóias-frias, foram chamados assim, porque levavam para os campos de colheita suas marmitas com o almoço, gelado. São três milhões no Brasil, segundo o Instituto do Açúcar e do Alcool — IAA. São sete milhões, garante o 3º Congresso Nacional dos Trabalhadores da Agricultura. Atuam, basicamente, em três Estados: São Paulo, Paraná e Pernambuco.

Hoje, eles continuam muito pobres — frequentemente miseráveis, nas entressafras — mas já são alguma coisa. Descobriram o segredo da organização, pelo menos no Estado de São Paulo. Descobriram que é possível lutar, politicamente, para melhorar suas condições de vida. Descobriram, finalmente, que eles são um componente imprescindível no esforço de produção — uma força de trabalho.

O acordo dos metalúrgicos de São Bernardo com as montadoras de automóveis, em 1978, é o primeiro marco da luta política e sindical do bóia-fria. E, naturalmente, suas reivindicações, que, como sempre são acompanhadas de agitação social, iriam explodir em uma das regiões mais ricas do Brasil, em termos de agricultura: a região de Ribeirão Preto, em São Paulo.

O acordo de Guariba, no ano passado, que os fez entrar definitivamente na condição de novos proletários, abriu para eles, em todo o Estado, a perspectiva de melhorias graduais de condição de vida e de trabalho.

Mas o que isso representa? O setor canavieiro, por exemplo, o maior concentrador de bóias-frias do Estado, conseguirá atender às crescentes reivindicações sem o risco de tornar-se economicamente inviável? Esse setor é formado de usineiros e fornecedores de cana. Como essas empresas estão reagindo à nova realidade? E qual o caminho mais fácil para os bóias-frias atingirem a uma condição de trabalho próxima do ideal? A negociação ou a pressão, através de greves sistemáticas?

Esta reportagem é uma discussão em torno dessas perguntas. Para os usineiros, por exemplo, as crescentes reivindicações não assustam. O trabalho dos rurícolas fixos (que são a maioria) e dos bóias-frias representa 12% do custo de produção. E os usineiros estão prontos para sentar, a cada ano, a cada safra, à mesa de negociações. Os usineiros se organizam e se modernizam. Para os fornecedores de cana, a realidade é outra: os salários pesam no custo de produção (a uma proporção que varia segundo a capacidade empresarial de cada um), e em geral eles são desorganizados, mais ou menos ingênuos e despreparados para os novos tempos de abertura política total. Sua reação diante de reivindicações é a de um susto diante do “perigo comunista”.

A política já chegou ao campo, também. Na região de Ribeirão Preto existe, nascendo, uma disputa PMDB-PT, através da Conclat (Coordenação Nacional das Classes Trabalhadoras), ligada ao PMDB, e da CUT (Central Única dos Trabalhadores), ligada ao PT.

O certo é que todas as partes envolvidas irão, daqui para frente, entrar numa luta política acirrada. Que, aliás, faz parte do jogo democrático, das relações entre o capital e o trabalho.

Alguns especialistas na questão dão suas opiniões. Há quem veja numa reforma agrária mínima a solução final esses conflitos nascentes. Há quem aposte na organização e na negociação. E há até quem queira eliminar o Proálcool (responsável pelo aumento da produção canavieira), que se estaria tornando cada vez mais antieconômico diante não só das reivindicações, com o aumento do custo da mão-de-obra, como da queda de preços do petróleo no mercado mundial.

Fernando Portela

(Página 1 — Caderno de Programas e Leitura)